

SESSÕES DO PLENÁRIO

72ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 23 de novembro de 2017.

PRESIDENTE: DEPUTADO ROSEMBERG PINTO (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Invocando a proteção de Deus declaro aberta a presente sessão especial em comemoração aos 120 anos da Guerra de Canudos, proposta pelo deputado que vos fala e pela minha querida amiga, deputada Fátima Nunes.

Quero convidar para compor a Mesa a minha querida amiga e deputada Fátima Nunes; Sr. Chefe de Gabinete da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social, meu querido César Lisboa, César é uma das pessoas da maior importância do nosso Estado, pessoa vinculada aos movimentos sociais, que representa, aqui, nesse momento, o governador Rui Costa, comprometido com o desenvolvimento da nossa cidade; meu querido amigo e deputado estadual Marcelo Nilo, ex-presidente desta Casa, que também tem uma participação muito grande nessa região; o Prefeito da Cidade de Canudos, Genário Rabelo; o Sr. Presidente da Câmara de Vereadores de Canudos, Beto da 150; Srª Vice-presidente da Câmara Municipal de Canudos, Vereadora Detinha, mulher na Mesa; meu querido amigo, historiador, doutor e membro do Conselho Estadual de Educação, quase conselheiro, Sérgio Guerra; meu coordenador do Centro de Estudos Euclides da Cunha, Manoel Antônio dos Santos Neto; meu querido amigo e Diretor do Campus de Observação em Canudos, Luiz Paulo Neiva; meu querido amigo e representante, ou seja, eu chamo ele de general do Movimento de Canudos, meu querido amigo Padre Enoc; meu querido amigo, escritor Leone Fontes; meu querido amigo e que é amigo também da nossa família, Pastor Djalma Torres, que aqui representa a Sepesc e o IPMC.

Vou dividir a presidência dos trabalhos com a deputada Fátima Nunes, porque nós somos proponentes desta sessão, e nesse momento cantaremos o Hino Nacional, que será aqui abrilhantado pelo violão do nosso querido amigo, cantor e compositor Gereba. (Palmas) Daqui a pouco Rose estará aqui.

Queria que todos ficassem de pé para que pudéssemos ouvir o Hino Nacional sob a batuta do nosso querido amigo Gereba.

(Execução do Hino Nacional)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Agradeço ao nosso querido Gereba. Nesse momento, vamos assistir...

O deputado Marcelo Nilo vai ter que sair. Meu querido deputado, se V. Ex.^a quiser fazer uma saudação fique à vontade. Aqui é uma sessão especial do Movimento de Canudos.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Com a palavra o deputado Marcelo Nilo.

O Sr. MARCELO NILO:- Meu querido presidente Rosemberg, primeiro, gostaria muito de agradecer a V. Ex.^a, permitir que eu fale, uma vez que assumimos compromisso anteriormente, mas não poderia deixar de vir aqui dar um abraço no prefeito Geo, a todas as pessoas que fazem a cidade de Canudos, sem dúvida nenhuma, uma das cidades mais importantes do Brasil, conhecida internacionalmente, fruto de Antônio Conselheiro, fruto da história de um povo trabalhador, guerreiro.

Canudos é, sem dúvida nenhuma, uma região sofrida onde todos nós sabemos que, às 5 horas da tarde, estão todos olhando para o céu para ver se vem chuva, uma vez que fica no Semiárido. Mas é uma cidade importante de um povo trabalhador, de um povo sertanejo, de um povo que sabe a função importante de fazermos cada vez mais o nosso Brasil, a nossa Bahia, a nossa Canudos crescer.

Parabéns ao deputado Rosemberg por esta sessão tão importante. Parabéns a deputada Fátima Nunes que é uma das verdadeiras representantes do Semiárido e ao presidente da Câmara, ao meu querido amigo César Lisboa, representando o governador Rui Costa. E parabéns a todos aqueles que participam da história da nossa querida Canudos.

Muito obrigado pela deferência de permitir que eu falasse.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Nesse momento, vamos assistir aqui a entrada triunfal do grande Antônio Conselheiro, representado pelo poeta Uauense BGG da Mata Virgem, sob os acordes do Hino de Canudos, composição do artista Bião de Canudos, em seguida recitará um poema.

(Apresentação musical.)

O Sr. Basílio Gomes Gonçalves:- Bom dia a todos e todas. Inicialmente, agradecer ao ilustre deputado Rosemberg Pinto e também a deputada Fátima Nunes por essa tão briosa e tão importante iniciativa desses 120 anos do final do grande genocídio de Canudos.

Meu nome é Basílio Gomes Gonçalves, conhecido popularmente por BGG da Mata Virgem, o poeta popular. O poema que aqui vou declamar é de autoria do grande repentista, ícone do repente do sertão do Pajeú, Ivanildo Vila Nova.

A história fará a sua homenagem a figura de Antônio Conselheiro.

Num profundo deserto sem ter fonte

Já surgiu um regime igualitário

Onde o justo já sexagenário

Fez erguer-se a cidade Belo Monte
Para depois vislumbrar no horizonte
Sem maldade, sem crime, sem dinheiro
Sem fiscal, sem bordel, sem carcereiro
Mas foi morto e tomado por selvagem
A história fará sua homenagem
À figura de Antônio Conselheiro
Quem viveu ao seu lado, sempre quis
Ter real o que era fantasia
O reinado do céu não prometia
Tinha o reino da terra mais feliz
Afinal só o povo do país
Pode dar o retrato verdadeiro
Deste líder tão bom e mensageiro
Que alguém deturpou a sua imagem
A história fará sua homenagem
À figura de Antônio Conselheiro
Masseté, Uauá, Paraguaçu
Caatinga, Facheiro, Mororó
Cambaio, Caipã, Cocorobó
Monte Santo, Favela, Trabibu
Beatinho, Abade, Pajeu
Vilanova, Brandão e Fogueteiro
Macambira, Lalau e o Sineiro
Timóteo lendário personagem
A história fará sua homenagem
À figura de Antônio Conselheiro
Só o Vaza Barris tão solitário
Vive lá o símbolo e uma prova
De Canudos, Igreja, Velha e Nova
Linha negra, trincheira, santuário
Malassombro de latifundiário
Coronel poderoso e fazendeiro
Houve mesmo esse reino alvissareiro
Que muitos tomaram por miragem
A história fará sua homenagem
À figura de Antônio Conselheiro
Oh! Canudos país da promessa

Foi injusta e cruel a tua guerra
Tu que fostes abrigo dos sem terra
Sem direito à justiça, paz e pão
O jagunço era apenas um irmão
O fanático somente um companheiro
Encontrando no mestre o paradeiro
Confiança, família e hospedagem
A história fará sua homenagem
À figura de Antônio Conselheiro
Mais de dez mil soldados de elite
Quatro bons generais lhe dando apoio
Bivaque arsenal bóia e comboio
Dezoito canhões e dinamite
Uma guerra civil sem ter limite
Não apenas um conflito passageiro
Brasileiro matando brasileiro
Os vencidos mostrando mais linhagem
A história fará sua homenagem
À figura de Antônio Conselheiro
Nordestinos morrendo de magote
A bandeira sangrando era um molambo
O quartel sem guarita era o mocambo
A metralha o feioso clavinote
O abrigo era a greta do cerrote
A corneta era o búzio do vaqueiro
Peitoral, perneira e gibão sua roupagem
A história fará sua homenagem
À figura de Antônio Conselheiro
Foi a guerra da foice e do fuzil
O facão enfrentando artilharia
Uma mancha no nome da Bahia
Uma nódoa na honra do Brasil
Mas talvez que no ano de dois mil
Esse nosso Nordeste brasileiro
Seja outra Canudos por inteiro
Mais gente, mais armas e mais coragem

A história fará assim sua homenagem à figura do meu Padim Antôim, o Conselheiro.”

Salve o bom Jesus.

(Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Parabéns, BGG. Sempre atualizado. Porque Ivanildo Vila Nova é sempre atualidade.

Queria registrar a presença e convidar para a Mesa o meu querido amigo e professor da Universidade Católica de Salvador, Fábio Paes, homem que daqui a pouco vai fazer uma cantoria para nós.

Eu queria pedir a minha amiga Rose para que pudesse, nesse momento, nos brindar com uma apresentação musical. Normalmente a gente sempre dedica 1 minuto de silêncio a alguém que tem importância naquele momento, naquela atividade. Eu não quero pedir 1 minuto de silêncio ao meu querido amigo e velho companheiro Matos, das velhas caminhadas de Canudos. Eu quero homenageá-lo, porque sei que ele vai ficar muito mais feliz com uma música na voz da minha querida amiga Rose, do que com 1 minuto de silêncio.

A Sr.^a Rose:- Boa tarde. Obrigada, Rosemberg. Foi uma boa lembrança a do companheiro Matos, viu?

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Verdade.

A Sr.^a Rose:- Em 1979, eu conversava com Carlos Pita sobre a Guerrilha do Araguaia e a Guerra de Canudos. Daí, Carlos Pita compôs duas canções para mim: *Araguaia Morena* e *Canudos 1897*. A primeira eu gravei no acorde, naquele mesmo ano, no meu primeiro disco. A segunda eu gravei no meu segundo disco, em 1981, e foi lançada em 1984, ainda em LP, e em CD só em 1999.

Senhoras e senhor, *Canudos 1897*, de Carlos Pita. (Palmas)

Rudimar, você está aí? Gereba, você pode me ajudar ou eu levo no gogó, companheiro?

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Gereba dará uma ajudazinha aí. Enquanto Gereba sobe, Rose...

A Sr.^a Rose:- É, mas eu levo no gogó. Agora Matos, a gente brinca tanto de que ele era meu marido. Sabe por quê? Você sabe da história, não é, Rosemberg? A história é a seguinte: uma vez nós estávamos em Euclides da Cunha, no bar de Creusa. Matos estava se organizando para ir ao Hotel onde ele estava hospedado, e nós na casa de Canudos. Aí, o pessoal perguntou: “Cadê Rose?”. Um morador chegou e respondeu: “Rose ainda está aí, mas o marido dela já saiu.” Aí, eu fiquei enchendo o saco dizendo: “Matos, meu marido!” Então, estamos aqui, Matos. Onde você estiver, querido, Deus o abençoe! Siga em paz!

Obrigado, Gereba.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Obrigado, Rose. Nós é que agradecemos. Olha, eu queria aproveitar para fazer um agradecimento às duas escolas que estão aqui, aos alunos e alunas, aos professores, porque esse é um momento importante para que essa sessão não seja só de homenagem, mas também uma atividade pedagógica importante para a formação da nossa comunidade estudantil.

Antes da apresentação do vídeo, eu queria pedir aqui a minha querida amiga e deputada Fátima Nunes para fazer a abertura oficial dessa sessão, que é quem realmente de fato tem essa relação imbricada nessa região.

Então, Fátima, é com você.

A Sr.^a FÁTIMA NUNES:- Boa tarde a todos e todas! É uma alegria reunirmos tantas pessoas nesta tarde bonita de quinta-feira, do mês de novembro, no qual celebramos também a luta da nossa gente negra, combativa, para celebrar esses 120 anos da guerra.

Uma das estudantes falou assim: “Mas celebrar a guerra, por quê?” Vamos saber de tudo isso com os nossos historiadores, intelectuais, doutores e com a nossa gente que vive no sertão e que vai contar para nós.

Farei apenas uma saudação à Mesa e aos senhores e senhoras aqui presentes. Algumas coisas são bem emocionantes. A vida de mulher é assim, quando se emociona, a voz vai embora, acontece é coisa. (Palmas)

Quero saudar o nosso companheiro, proponente, deputado Rosemberg Pinto, e dizer que me orgulho dessa parceria. Há pouco eu também dizia para uma das pessoas que me questionava o quanto temos gosto e amor pelo nosso partido, pelo nosso vermelho, pelo nosso jeito de lutar para transformar e melhorar a nossa sociedade. E o senhor é um desses lutadores. Parabéns! Muito obrigada por ser um parceiro de luta. Quero saudar o chefe de gabinete da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social, César Lisboa, representando o governador do Estado da Bahia; o prefeito Genário da minha cidade Canudos, que carinhosamente chamamos de Geu, nosso companheiro de batalha; o presidente da Câmara Municipal de Canudos, o Beto – parabéns, e muito obrigada pela presença –; a senhora vice-presidente da Câmara Municipal de Canudos, vereadora Detinha, muito oportuno estar conosco; o historiador e doutor membro do Conselho Estadual de Educação, Sérgio Guerra – quantas experiências, quantas histórias –; o Sr. Coordenador do Centro de Estudo de Euclides da Cunha, Manoel Antônio Santos Neto; o diretor do Campos de Observação em Canudos, doutor e cidadão canudense, Luiz Paulo Almeida Neiva – muito obrigada pelo seu trabalho no nosso sertão –; o representante do Movimento de Canudos, padre Enoque, grande companheiro de história, de luta – se não fosse a sua audácia, talvez a história não fosse tão bem contada; o escritor Oleone Fontes; o senhor representante da Cepesc e IPMC, pastor Djalma Torres; o senhor poeta BGG da Mata, representando o nosso Antônio Conselheiro; e o Sr. Professor da Universidade Católica de Salvador, cantor, compositor e músico, Fábio Paes – obrigada também pelo seu grande amor e paixão pela nossa terra de Canudos –.

(A deputada canta) (Palmas)

Minha gente, é uma alegria muito grande... e para vocês e muitos que ainda não foram a Canudos, eu queria revelar duas coisas, porque eu penso nisso sempre que passo por lá. Há lugares que tem plantas com folhas, mas há lugares que não tem nada plantado. Há lugares que é só pedregulho, há lugares que tem uma poça d'água. Há lugares que tem um grande açude, que é o Açude de Cocorobó.

Mas vamos pensar naquela região mais seca, que talvez era isso nos tempos de Antônio Conselheiro. Mas como pode um pensador, um organizador das camadas sociais e pobres daquela época, pensar um projeto de sociedade justa, humana e igual, em um lugar tão distante e tão árido, e mesmo assim incomodar os graúdos da época? mas incomodar a tal ponto, deles não se aguentarem e mandarem para cá soldados, bomba, revolver, armas pesadas para destruir quem tinha apenas um candeeiro e uma esteira, quem tinha apenas uma varinha para tocar o bode, um caldeirãozinho de água, uma inchada e um facão para cortar o mandacaru.

Então, por essa imagem que estou revelando para vocês agora, vocês podem imaginar como esse nosso Brasil sempre foi injusto, sempre buscou massacrar o nosso povo, sempre buscou tirar a liberdade dos homens e das mulheres para, apenas, alguns viverem do bom e do melhor. Viverem do bom e do melhor exatamente sugando, explorando e usufruindo das nossas riquezas naturais.

É por isso que celebrar Canudos, rememorar essa guerra, rememorar esse massacre do nosso povo é dizer para nós mesmos que vale a pena continuar lutando, porque Canudos não morreu, porque Canudos está vivo na história e na memória, mas está vivo também no nosso sangue vermelho da resistência e da luta, sobretudo nesse tempo de golpe. A gente até imaginou que não atravessaria mais o corte dos nossos direitos, a volta do regime de escravidão, a volta da perseguição aos líderes, como perseguem hoje Luís Inácio Lula da Silva, o qual posso comparar a mais um, a mais um Antônio Conselheiro desse tempo de hoje.

Portanto, quero encerrar as minhas palavras e dizer que, muitas vezes, as pessoas não entenderam e, às vezes, até tentaram esconder essa história tão valorosa. Só um exemplo quero dar a vocês: um certo dia eu estava na missa da festa da padroeira, prefeito Geo, e o nosso querido padre, que hoje não está mais conosco, padre Lívio, animava a todos nós cantando músicas de Canudos. E ele disse: “Viva Nossa Senhora!”, e todo mundo bateu palmas. Ele disse: “Viva o padroeiro Santo Antônio! todos batiam palmas. Quando disseram: Viva Antônio Conselheiro! disseram que era besteira e seguraram as mãos. Então, na alma das pessoas foi tentado, por muito tempo, apagar, a não contar, a não revelar, e a não valorizar a luta de um povo, a luta de Antônio Conselheiro.

Por último, eu queria dizer que aqui houve uma sessão especial muito bonita e foi escrito um livro. Eu fui ler esse livro e a sessão especial foi sobre a Faculdade de Medicina. Em um dos textos do livro tinha escrito que encontrava-se em uma das paredes da Faculdade de Medicina um dos quadros mais observados, e mais revelados que é o quadro *Soldado Desconhecido* que venceu a Guerra de Canudos. Imediatamente, eu me perguntei: bom, mas soldado foi quem matou? E cadê o quadro daqueles que lutaram pela vida? Cadê o quadro do último resistente dos conselheiros? Cadê o quadro dos que hoje vivem e resistem nas terras dos Canudos? Mais uma lição de separação, de humilhação, e de querer colocar uma pedra em cima da nossa história, e não revelar para a sociedade. Povo unido jamais será vencido! Povo organizado jamais será pisado! Canudos vive porque vocês existem: homens e mulheres, jovens lutadores, sindicalistas, organizadores de grupos de mulheres no Sertão e no Litoral.

Esse ano eu vi até na França essa história e aqui no Brasil para a gente fazer uma sessão como essa, sabe eu, o deputado, a querida Dorinha Loyola, que eu saúdo com prazer por ser vizinha de Canudos, como foi a nossa labuta para gente botar a nossa história em tempo e no ar para nos fortalecer a nossa organização.

Não tenha dúvida que na coragem do povo que é semente teimosa jamais vai haver desistência. Nossa ordem é lutar! Resistir! Avançar! E nós vamos ganhar!

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Essa é a nossa deputada do Sertão e do Litoral. Obrigada pelas palavras minha querida deputada Fátima Nunes que tão bem representa aqui nessa Casa a Região do Sertão da Bahia.

Nesse momento assistiremos a um vídeo sobre Canudos para que a gente possa ter uma dimensão sobre Canudos.

(Exibição de vídeo)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Quero registrar as presenças do vereador Gérson da Várzea Comprida, vereador de Canudos; do professor João Augusto de Lima Rocha, professor da UFBA; da Escola Dom Pedro I; da Escola Polivalente de Amaralina; do colégio Mestre Paulo do Anjos, do bairro da Paz; da Sr.^a Simone Santos de Azevedo, da coordenação do Movimento Popular e Histórico de Canudos; de Givandete Evangelista dos Santos, da coordenação do Movimento Popular e Histórico de Canudos; de Roque Amorim, presidente do Partido Trabalhista Cristão, de Teodoro Sampaio; de Adélia Lima, presidente da Cooperativa Múltipla Ouro Negro do Lobato; de Cibele Nery, coordenadora pedagógica do NTE Itapetinga, da Secretaria de Educação do Estado da Bahia; de Rubenilson Macedo, Secretário de Cultura de Canudos; de Aldo José Cordeiro de Alcântara, presidente do Centro de Cultura de Canudos; do Bloco Carnavalesco As Direitinhas, do Nordeste de Amaralina; de Helena Márcia Guimarães, do Movimento Popular de Canudos; de Maria de Lourdes Ornellas, coordenadora de Pós-Graduação da Uneb; de Lila Silva, secretária estadual do PT e coordenadora da Secretaria de Cultura; de Iraci Rocha, professora da Uneb; de Sílvio Ataliba, ex-prefeito de Maragogipe; de José Humberto Guanais, o nosso convidado.

Quero também agradecer as assessorias dos dois mandatos, não vou nominar para não esquecer nenhuma, que trabalharam imensamente esses 2 meses para construir esse momento importante da nossa história.

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- E agora com muita satisfação quero passar a palavra a esse grande parceiro da luta do Sertão, o deputado Rosemberg Pinto.

O Sr. ROSEMBERG PINTO:- Uma boa tarde a todos e todas, quero saudar minha querida amiga, deputada Fátima Nunes, que preside esta sessão; saudar meu querido amigo César Lisboa, que representa o governador Rui Costa, o Exm.^o Prefeito da cidade de Canudos, Genaro Rabelo, o vice-presidente da Câmara Municipal de Canudos, vereador Beto da 150; o vice-presidente da Câmara, vereadora Detinha; meu querido amigo e historiador, Sérgio Guerra, coordenador do

Centro de Estudos Euclides da Cunha, Prof. Manoel Neto, o nosso querido Luiz Paulo Neiva, que aqui representa o nosso reitor Bites, da Uneb; meu querido amigo Padre Enoque, representante do Movimento de Canudos, Oleone Fontes; BG Pastor Djalma, que já fez uma apresentação aqui muito bonita e meu querido amigo Fábio Paes, das velhas cantorias, dos velhos movimentos de Canudos.

Queria fazer uma saudação especial aqui ao meu querido Casca de Bala. (Palmas.) Na realidade, estávamos indo para Canudos, e paramos na estrada para tomar café, e tinha um cara vendendo umas espingardas, e ele se aproximou e dessa espingarda, tinha umas balas antigas que só tinha as cascas, e aí eu disse: eu com isso aqui eu me torno Antônio Conselheiro. E a partir daí ele virou o Casca de Bala na nossa caminhada.

Meus queridos amigos e amigas, primeiro dizer que é sempre bom que esta Casa faça ações como essa. Como disse, esse momento aqui é um momento de reverência ao episódio que aconteceu e essa rememoração de 120 anos desse conflito, é mais do que isso: é uma oportunidade da gente discutir a história de formação da sociedade brasileira. Acho, Fábio Paes, que nós precisamos, e aqui eu quero me dirigir a essa juventude do Bairro da Paz, a essa juventude do Nordeste de Amaralina, porque parece, ao olhar de hoje, que tudo começou assim, que tudo já é assim. Ou seja, que as pessoas vivem esse momento de agora e sempre viveram esse momento. Mas aqui tem duas comunidades que sabem que não começou assim.

A história do Bairro da Paz é uma história que confunde na luta diária da formação e da construção dessa sociedade atual. Então nós precisamos estar fazendo movimentos e momentos como este aqui para que a gente possa trazer a história viva e debater um pouco a origem e nós podemos aproveitar no dia a dia é com a rememoração desses fatos.

Eu me lembro uma vez a gente debatendo sobre a história de Canudos e Sérgio Guerra dizia que era uma comunidade comunista. E o cara chegou e disse assim: Olha, mas como podia ser uma comunidade comunista se lá tinha uma venda e vendia para a comunidade, tal e tal...? e Sérgio Guerra respondeu, lembro-me como hoje, ele disse assim: Olha, uma comunidade que não tem um ladrãozinho de galinha, que não tem uma coisinha assim, não é uma comunidade. Então não é isso que vai tirar a minha concepção de ser uma comunidade com uma visão extremamente comunista do ponto de vista da sua concepção de vida. Ou seja, independentemente das revisões dos historiadores do que foi o movimento, do que foi a guerra de Canudos, eu acho que precisamos trazer para o nosso dia a dia a importância desses fatos para a construção da sociedade baiana e da sociedade brasileira. É como o Sertão que produziu histórias fenomenais numa saída de um homem determinado que saiu do Ceará com destino ao Sertão da Bahia e conseguiu aglutinar junto a ele homens e mulheres na busca de vida melhor para aquelas pessoas. Ou seja, nós precisamos utilizar essas expressões para que a gente possa de fato consolidar a história brasileira com a sua realidade de fato.

Eu sempre digo e anteontem nós estávamos num debate num grupo chamado Ouro Negro lá na Liberdade, de blocos de matriz africana e longe de ser apenas uma expressão cultural para o Carnaval de Salvador, aquilo são expressões para que a

gente possa discutir a formação da sociedade brasileira e contar ela com a importância da matriz africana, porque ela continua sendo ainda contada apenas pelo viés europeu, Sérgio Guerra. E nós precisamos aproveitar esses momentos para rediscutir um pouco isso e sair de uma visão extremamente elitista, para que possamos trazer para uma visão da importância de todos os segmentos na formação de nossa sociedade.

E, por isso, trago aqui, César Lisboa, que nós precisamos que o Governo do Estado da Bahia possa nos ajudar a colocar isso, de fato, na memória da população baiana e da população brasileira. E o movimento se reúne e apresenta ao governador Rui Costa uma indicação para que possamos transformar ou dar o título a uma estação do metrô, aquela do aeroporto, de Estação Antônio Conselheiro (palmas), porque a história desse episódio é conhecida pela leitura do trabalho de Euclides da Cunha em 40 países, mas é pouco conhecida no Estado da Bahia e no Brasil.

Então, precisamos fazer com que isso, de fato, seja contado e seja lembrado. E aproveitar isso para que possamos fazer com que a sociedade compreenda que nós não somos assim, que não temos o que temos apenas por uma varinha de condão, mas pela luta de homens e mulheres que construíram este País.

Por isso que quero, aqui, em nome de todo o segmento, César, que leve ao governador essa indicação para dar o nome de Antônio Conselheiro a uma das estações do metrô da cidade de Salvador. (Palmas)

A outra coisa que queria colocar aqui, Pe. Enoque, é que neste ano – e quero parabenizar a todos que fazem esse trabalho em Canudos: à Uneb, ao movimento de Canudos – fiquei extremamente feliz, porque iniciamos a reconstrução de uma unidade de compreender a representação da história de Canudos como algo único, independentemente do que passaram as pessoas. E sei de sua história e sei dos seus motivos do ponto de vista de construir, e sou partícipe desse movimento, mas precisamos, neste momento, construir, consolidar uma unidade em torno da representação da história de Canudos como algo que possa trazer para a Bahia e para o Brasil, de fato, a história contada de forma real.

Para isso, nós precisamos, também, incorporar uma bandeira que era do nosso querido ex-deputado Zezéu Ribeiro. E nós precisamos trazer a pedra de volta para a nossa região (palmas), para não a deixar exposta no Rio de Janeiro, sem qualquer representatividade do ponto de vista histórico. Então, nós precisamos fazer isso.

Quero, aqui, Lila, dizer que a nossa Secretaria da Cultura precisa apresentar... e estava conversando, nesse instante, com Gereba e com Rose. Nós precisamos, de fato, fazer com que tenhamos, além da história, a consolidação da história através dos movimentos populares.

E nós precisamos construir uma semana da expressão dos movimentos populares no Estado da Bahia. Precisamos fazer isso a partir do Governo do Estado, precisamos fazer isso para que possamos nos expressar da forma como a população quer e acha que deve ser contado.

Então, nesse sentido, para além desta sessão especial pelos 120 anos da Guerra de Canudos, quero dizer que esta é uma sessão que nos traz a possibilidade de nos

reencontramos com a nossa história. E que o Governo do Estado possa assumir como papel preponderante a recomposição, a revitalização da história do movimento de Canudos.

Parabéns a todos vocês, parabéns a todos os presentes aqui. Prefeito, compre essa bandeira para que possamos fazer dessa história a história contada para toda a sociedade baiana, e que orgulha, e eu tenho convicção, deputada Fátima, à região do Sertão, em especial aos moradores de Canudos. Está já um pouquinho fora do lugar, mas, sem dúvida alguma, dali de cima dá para olharmos e entender a origem da formação dessa história de 120 anos da Guerra de Canudos.

Muito obrigado. Boa tarde a todos vocês. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Temos mais alguns registros de presença: o poeta Zé Américo; Elda Cunha Martins, convidada, de Vitória do Espírito Santo; Ednéia Raimunda, do Centro de Cultura de Canudos; João Júnior, do Centro de Cultura de Canudos; Selene Fonseca, da Uneb; Gilmário Martins, do Centro de Cultura de Canudos; Itamar da Silva, o andarilho da história; Luciana Cruz, assessora da FLEM, representando aqui a presidente Maria Quitéria; Oleone Fontes, o escritor, já está aqui, na Mesa. Os demais já foram aqui citados em outro momento.

Ouviremos agora a exposição temática do professor Manoel Neto.

O Sr. MANOEL NETO:- Boa tarde.

Quero, nas pessoas do deputado Rosemberg Pinto e da deputada Fátima, saudar os demais representantes da Mesa, e agradecer, sobretudo, pela oportunidade, a distinção e a honra de estar presente aqui, hoje, de ter sido escolhido para falar sobre um tema em que várias pessoas são autoridades, vários pesquisadores se destacam e várias obras são referenciais.

Eu estava pensando, enquanto sentado na Mesa, ouvindo o deputado, ouvindo a deputada, ouvindo os oradores e ouvindo a poesia de Ivanildo, na fala de BGG, e passando os olhos sobre tantos colegas e amigos que estão aqui presentes, e somos parceiros há tantos anos nessa luta e nessas celebrações e nesse esforço contínuo para que Canudos não se perca nas brumas do tempo, eu fico pensando porque Canudos ainda me emociona tanto 30 anos depois de eu ter chegado a esse lugar e 30 anos depois de ter começado a estudar. É por isso, é por essa multiplicidade de olhares que abordam e reportam Canudos, a poesia, a música, o cinema, a grandeza, a solidez do que Canudos representa e representou para a história e para a cultura brasileira.

Quando nos debruçamos sobre a biografia de Antônio Conselheiro, um menino pobre nascido no interior do Ceará, em 1830, e que se transforma nessa liderança exponencial do movimento popular, do movimento histórico de Canudos, vamos compreendendo que este Brasil de hoje ainda é um Brasil que deve muito à memória de Canudos.

Alguns saldos sociais permanecem irresolutos, intocados. O latifúndio continua matando no Brasil. A fome ainda mata, apesar do esforço grande que houve

recentemente nos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e da presidente Dilma, evidentemente, esforço que ajudou a mitigar essa chaga tão profunda na sociedade brasileira. Mas Canudos é a criança também na sinaleira; Canudos é a injustiça social que não se sana, que não se ultrapassa na vida brasileira.

Eu fico pensando na trajetória de Antônio Conselheiro quando ele já definiu o seu rumo, a sua escolha, a sua opção de vida quando anunciou, declarou solenemente: “Vou para onde me esperam os mal-aventurados.” Quem são os mal-aventurados da sociedade brasileira? São os filhos do opróbrio, do latifúndio, da injustiça social, da miséria, da opressão, aqueles que jamais foram agraciados com a dignidade indispensável para a construção de uma vida socialmente justa. São os filhos do abandono. São os filhos do talvez e do quem sabe como há muitos anos se referiu Alencar Furtado.

Eu penso que Canudos é essa tentativa de construir um Brasil justo onde a terra seja um bem social capaz de produzir o alimento, de pôr o pão na mesa, onde as pessoas, índios, negros, sertanejos pobres possam viver e comungar a utopia de um mundo melhor, de uma sociedade menos injusta, mais resoluta na resolução dos seus problemas. Eu continuo acreditando, e essa é uma construção.

A historiografia brasileira durante muito tempo observou no texto de Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, a principal referência para os estudos de Canudos. Euclides, se nos deu uma grande obra, deu-nos também a tarefa hercúlea de desmentir alguns conceitos e algumas informações que estão no seu livro, marcado pelo espírito da época, é evidente, que precisam ser desmistificadas. E que foram desmistificadas ao longo do tempo.

Quando se lê o texto de Euclides em que ele apresenta Antônio Conselheiro temos a impressão de um homem desvairado, de um homem louco, de um homem vesânico. Ora, Antônio Conselheiro era um homem letrado, vocês, estudantes que estão aqui hoje. Antônio Conselheiro teve um professor, por sinal, meu xará, Manoel Antônio Ferreira Nobre, com quem ele aprendeu rudimentos de francês e de latim. Era um homem, como diz a tradição oral, biblado, ele lia a Bíblia. Ele tinha entre suas leituras o *Lunário Perpétuo*, a *Missão Abreviada* e outras obras que circulavam pelo sertão à sua época.

Ele era, sobretudo, um leitor arguto da realidade de sua gente. Ele era um observador do seu povo. E por observar seu povo, por acompanhar seu povo e se colocar ao lado dele foi que ele se tornou um beato, um penitente, um conselheiro que não se limitava às rezas, não se limitava às orações. Esse era parte do seu cotidiano.

Mas ele construiu uma obra. Antônio Conselheiro foi maior do que o Estado brasileiro em muitos rincões sertanejos. Ele deixou uma obra visível, física, além da obra espiritual, do discurso político que ele deixou, concitando os seus cidadãos, os seus concidadãos, a mudarem, a transformarem a realidade. E que obras são essas? Se vocês passarem em algumas cidades do interior verão igrejas, antigas barragens, pequenas barragens, cemitérios remodelados, vocês vão ver a presença material da obra de Antônio Conselheiro, que é imorredoura.

E, ao mesmo tempo, a história vai nos demonstrando que, ao lado do seu discurso religioso profundo, arraigado, de sua cosmovisão de mundo profundamente religiosa, havia um observador político que não se omitiu em momentos fundamentais de tensionamento da sociedade brasileira. Antônio Conselheiro falou sobre a libertação dos escravos, Antônio Conselheiro falou sobre a proclamação da República, Antônio Conselheiro acolheu em Canudos negros e índios.

Ouvi em Rio Real o depoimento de um morador nonagenário, isso há mais de 20 anos, que me disse que muitos negros fugiram de Rio Real, na Bahia, para Canudos. Ouvi essa informação. E ouvi, também, em Lajinha, perto de Monte Santo, um morador me dizer que Moreira César, pernoitando lá, vítima de um ataque epilético, dormindo lá, em Lajinha, e perguntado sobre quem vivia em Canudos ou quem estava em Canudos, ele disse: “É tudo negro, 13 de maio.”

Então, quando comemoramos o mês da consciência negra, quando falamos dos índios brasileiros espoliados, assassinados, extorquidos em sua terra... porque também o sertão foi assim colonizado, foi matando índio para tomar a terra que se colonizou o sertão brasileiro, o sangue do índio corre ali. E esses índios foram para Canudos.

Há um depoimento, há um texto maravilhoso da professora Fátima em que ela diz “rios de sangue e barrancos de corpos”, em que ela aborda a presença dos índios em Canudos: índios Cariris, índios Caimbés.

Então, essa emocionalidade, essa tensão que Canudos ainda provoca, é resultado da grandeza histórica que ele tem. Canudos é uma luz que, passados 120 anos, nos ilumina e nos conduz, nos traz a referência fundamental para a construção de um Brasil mais justo, de um Brasil modificado socialmente e diferenciado. Perguntado sempre se em Canudos as pessoas... Há uma discussão, aliás, melhor dizendo, sobre se era possível em Canudos se viver da maneira que se dizia como vivia, que era tudo justo, que era na verdade o paraíso. Não, é como Rosenberg disse há pouco tempo: Canudos não era o paraíso. Canudos era o sertão. Era o sertão como ele era, e a partir dessa experiência, a partir da capacidade de sua gente de construir e de modificar tudo aquilo que vê e que pega, é que Canudos se ergueu. Quem vê um vaqueiro andando na caatinga compreende por que Canudos foi possível. Quem vê um trabalhador rural no sol a pino de 40 graus, com a enxada na mão, trabalhando de sol a sol, compreende por que Canudos foi possível. Quem anda pelo sertão e vê a fibra e a força das mulheres sertanejas vai compreender claramente o que significou Canudos.

Eu tenho a convicção de que a sessão de hoje, esta sessão solene em celebração dos 120 anos de Canudos, é a continuidade de uma história que se perpetua na memória brasileira. Costuma-se dizer que o Brasil não tem memória. Eu digo: tem. É seletiva. A memória é seletiva. As classes dominantes brasileiras preservam aquilo que acham e que julgam que é importante para elas. Mas em Canudos jogaram água em cima, afundaram o patrimônio histórico do povo brasileiro sob a justificativa de que tecnicamente era o lugar mais apropriado para se construir um açude. Podia até ser, mas era o lugar onde se deveria respeitar a memória popular.

Ali é uma construção do povo brasileiro, é a memória de nossa gente, ali tem sangue, ali tem corpos submersos, ali tem a história de um povo que enxergou a possibilidade de viver melhor, de viver menos penosamente do que vivia. E aí eu digo: por mais dura que fosse a vida em Canudos, por mais difícil que fosse manter o arraial e alimentar todos aquelas bocas, tenho a convicção de que era melhor do que a vida opressiva dos latifúndios. Eu não tenho nenhuma dúvida disso. (Palmas) Viver em Canudos era muito melhor do que viver sob o barão e o cutelo dos coronéis. Que o diga José Américo Camelo de Souza Velho, parceiro e correligionário do Barão de Jeremoabo, um “pobrezinho” que tinha 49 fazendas, chefe político das oligarquias baianas.

O José Américo Camelo de Souza Velho, no pós-guerra, quando já se retiravam os prisioneiros de Canudos, conduzidos pelo Exército Brasileiro, dizia: “Devia era matar tudo para não deixar a raça se reproduzir. Era esse o pensamento do latifúndio brasileiro.

Então, meus amigos, parceiros, eu queria encerrar dizendo que hoje, quando eu vou a Canudos, é evidente que a Canudos de hoje tem as suas peculiaridades, as suas diferenças, é uma Canudos do nosso tempo. Mas é uma Canudos onde eu ainda vejo, nos seus moradores, nos seus filhos, a mesma convicção, a mesma vontade e a fidelidade absoluta à sua história, à sua cultura.

Está aqui o poeta José Américo, está ali o grande Bião, está ali Gereba, está ali Rose, está Fábio, está BGG, está Aldo com o seu Centro de Cultura. Todos os artistas aqui presentes. Isso é vitalidade. Está a presença da Uneb, construindo, em parceria com o povo de Canudos, aquilo que é possível, cumprindo seu papel de casa do conhecimento, inclusive respeitando as diversidades, que isso é fundamental.

O papel da Uneb hoje, do campus avançado dirigido pelo professor Luiz Paulo, cumpre aquilo que socialmente as universidades brasileiras devem fazer: se aliar e se juntar ao povo brasileiro no sentido de possibilitar a reversão desse quadro social tão injusto.

A deputada Fátima fez uma referência há pouco à atitude do governo federal praticamente revogando a lei que trata do trabalho escravo no Brasil. Eu digo sempre que, no passo que vai Michel Temer, por mais que a gente discuta a validade da Lei Áurea, o *cuello* que ela representa, daqui a pouco ele revoga a Lei Áurea sem nenhum pudor, porque esse governo que está aí – não se enganem – é um governo fascista, autoritário (palmas), é um governo fascista, autoritário, é um governo que exclui e que usurpa, como a classe dominante brasileira tentou fazer com Canudos. Se eles pensavam que Canudos se encerrava no dia 5 de outubro de 1897, eles se enganaram. Canudos não só sobreviveu, como reviveu e continua revivendo. E é tão generoso, tão generoso é Canudos, que tirou da lata de lixo da história gente como Artur Oscar, como o coronel Moreira César, etc.

Deputada, aqui em Salvador existem várias referências sobre Canudos. O Forte de São Pedro tem uma placa aos heróis de Canudos. Os heróis de Canudos do Exército foram aqueles que foram lá massacrar o povo canudense. Tem Rua Pires Ferreira, na Barra, mas não tem nenhuma homenagem a Antônio Conselheiro.

Eu espero que o governador acolha essa sugestão e com muita justiça denomine Estação Antônio Conselheiro (palmas), que será a estação do povo, a estação da liberdade, a estação da cultura e da história popular.

Muito obrigado.

(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- O.k., professor. Vamos dar uma acelerada em razão do horário. Já que tivemos muitas falas, nós vamos ouvir, neste momento, uma musiquinha. Então, eu queria pedir ao meu querido e amigo professor Fábio Paes que nos brinde com uma apresentação musical. (Palmas)

Você pode cantar e tocar onde você quiser. Aqui você é quem manda! Sinta-se aqui como se você estivesse em Serrinha ou em Canudos.

O Sr. Fábio Paes:- Bom, então, vendo esta tarde extraordinária aqui, com essa possibilidade de ter uma estação de metrô... de repente o metrô já está chegando lá em Aracaju. E a gente tem de aproveitar, realmente, este momento em que ainda temos um governo popular no Brasil, que é o governo de Rui Costa. (Palmas)

Nominar essa estação de Antônio Conselheiro, acredito que seria uma coisa muito interessante, porque esse metrô está servindo, realmente, a quem mais precisa dele, que são as massas populares de Salvador. E Antônio Conselheiro representa, realmente, um personagem histórico de grande profundidade popular. Vocês vejam que Canudos talvez seja o tema da história do Brasil que, realmente, mais empolgue, que mais, realmente, traga todas as linguagens artísticas. Canudos existiu também por causa de Antônio Conselheiro e por causa do povo do sertão. O nome dessa estação é um momento, realmente, de grande felicidade para o Estado da Bahia, e para marcar, inclusive, essa gestão de Rui Costa. Então, isso aí é tranquilo!

Depois eu vou cantar uma canção que foi feita na época de Antônio Conselheiro, sobretudo para esses jovens estudantes que estão aí, porque, de fato, são eles o futuro do Brasil. Eles estão aqui e estão ali, não é? No Bairro da Paz, no Nordeste de Amaralina. Rose sempre trabalhou lá também. Acho que vocês, que são estudantes, jovens que estão vendo esse grupo de anciões – assim como Sérgio Guerra, que está parecendo mais como Antônio Conselheiro nos seus momentos finais, por causa da barba, como o padre Enoque, que está aqui ao lado, agora ele é um homem com mais de 80, e como o pastor Djalma, nesta Mesa que dá mais de mil anos –, vocês têm de pensar que serão agentes do futuro, eu também me coloco, de maneira que vocês vão ter de conhecer a história deste País. E a história deste País está lá em Canudos, como está aqui também, como colocou um dos oradores, a brilhante fala de Manoel. Está em todas as lutas populares das cidades brasileiras, que hoje sofrem a mesma situação que Canudos sofreu naquela época, que é o Brasil real. O Brasil real é o Brasil que sofre, é o Brasil que, hoje, corre o perigo de voltar para o Mapa da Fome. Então, é “Lula 2018” e “Fora Temer!” Vamos lá! (Palmas)

(Apresentação musical.)

(Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Muito bem, Fábio Paes. Agradeço a esse sertanejo, um homem da região do sisal.

Neste momento, eu queria registrar a presença do prefeito da cidade de Santa Inês, Professor Emerson, quero saudar Bujão, que passou aqui e é também uma das figuras importantes nesse movimento.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Neste momento, quero convidar o prefeito da cidade de Canudos, Genário Rabelo, Geo, para que ela possa usar da palavra nesta sessão especial.

O Sr. GENÁRIO RABELO:- Boa tarde a todos. Pra gente é um grande prazer. Quero dizer ao nobre deputado Rosemberg que o povo de Canudos agradece imensamente, como agradece a todos aqueles que ajudam a não deixar morrer nossa história.

Então, quero saudar aqui o professor Fábio Paes, cantor e grande compositor da história de Canudos, BGG, professor Manoel Neto, vereadora Detinha, deputada Fátima, deputado Rosemberg, muito sábio por escolher homenagear Canudos. Quero dizer que a gente sabe que você faz parte de um movimento de Canudos, junto com padre Enoque e tantos outros que representam muito a nossa história. César Lisboa, representando o governo do estado, vereador presidente Beto, Sérgio Guerra, professor que tem nos ajudado muito a contar a nossa história, professor Luiz Paulo, um guerreiro que tem levantado a história de Canudos em todos os cantos por onde passa. Padre Enoque. Lembra, Padre Enoque, quando iniciou o movimento de Canudos? Onde estavam lá a Rose, o Gereba, Pingo, Fábio Paes, Amelinha e tantos outros. O movimento que foi colocado aqui pelo deputado Rosemberg, que acho que é um momento de se refletir, de pensar, de voltar àqueles movimentos grandiosos em que tinha a participação maciça dos artistas, para que essa nação comece a olhar e a refletir Canudos novamente. Porque pelo retrocesso que o País passa, acho que a história de Canudos tem que ser discutida nas universidades, para que os estudantes possam entender que o que aconteceu lá há 120 anos nunca mais possa se repetir nesse Brasil.

Historiador Oleone. Pastor Djalma, quero dizer que tenho grande admiração pelo senhor. O Brasil precisa de homens como o senhor, que tem sido um grande exemplo de vida, de carinho e dedicação às camadas mais pobres desse País. Quero dizer que Canudos incomodou tanto que recebeu uma ordem de sacrificar 25 mil irmãos. Foram brasileiros matando brasileiros. Incomoda até hoje Canudos, que não se tem a sensibilidade de se pedir perdão ou desculpa pelo massacre que houve em Canudos.

Eu levantei uma fala há poucos dias, eu que sou católico, meus pais são católicos e meus avós eram católicos. Falei que a Igreja Católica tinha que pedir desculpa e perdão pelo acontecimento de Canudos. Parece que eu estava falando a maior barbaridade que um brasileiro pudesse falar.

Quando a gente coloca que a União, que o Estado e que a República têm um débito enorme com Canudos, parece que a gente está falando a coisa mais absurda

que se possa falar em pleno século XXI. Tenho a dizer que essa homenagem que tanto os historiadores, as pessoas do movimento de Canudos lutam para que se possa colocar naquela estação Antônio Conselheiro é o começo para que o governo possa entender que está começando a refletir e a homenagear Canudos e Antônio Conselheiro pela história ímpar. Não conheço uma história tão bonita, tão cheia de acontecimentos importantes, que despertou tantos movimentos sociais. Se hoje a gente vê as pessoas brigando, principalmente as pessoas mais oprimidas, as pessoas que são perseguidas, as pessoas começando a se organizar, tenho certeza que tem um pouco de inspiração da pessoa de Antônio Conselheiro, quando lutava por uma cidade mais justa e mais igualitária.

Posso dizer que naquele torrão – onde a deputada Fátima representa e representa bem, quero dizer que tenho orgulho deputada, da senhora estar junto conosco – a mesma falta de água que acontecia em Canudos há 120 anos, até hoje acontece lá nas fazendas: as pessoas padecendo de pão, as pessoas padecendo de água, as pessoas padecendo de oportunidade, que, talvez, se não tivessem, destruído aquela cidade, onde as pessoas tinham um sonho, um sonho de crescer, de se organizar, onde tantas músicas colocam “*Deixe-me viver / (...) / Deixe-me crescer / Deixe-me organizar*” e tantas outras letras de músicas em que vocês, compositores, já foram abençoados por Deus, porque tocou no fundo da alma o sentimento e o sofrimento daquele povo.

Então agradeço a Deus e a vocês por estarem aqui presentes para que possam continuar levando a nossa história, para que não deixem que essa história morra e, especialmente aos estudantes que estão aqui, às pessoas mais novas – o restante são participantes, já conhecem a história de Canudos – que, nessa Mesa, tenho a maior convicção do mundo, de que se não fossem essas pessoas e tantas outras que já se foram, como Claude, como Renato Ferraz, como tantos outros, Canudos, hoje, não estava vivendo este momento de discussão, este momento importante de reflexão pelo qual passa o País.

Então quero agradecer a vocês eternamente pela sensibilidade, pelo sentimento que vocês têm, pela luta para que essa história possa render mais frutos do que ela já rendeu.

Então quando foi colocado o que a estudante perguntou: “Está comemorando uma guerra?” Está comemorando o fim de um massacre, está comemorando o que essa história rendeu para o País e para o mundo, porque tenho certeza de que se não fosse esse massacre que tivesse aberto os olhos do mundo, mais massacres ainda estavam acontecendo no dia de hoje. Só que hoje acontece individualmente e não maciçamente, como aconteceu com 25 mil habitantes de uma vez só.

Então, quero agradecer a vocês e dizer que esse movimento, padre Enoque, a gente já discutiu em Canudos e nós vamos colocar como parte do calendário do município para que esse possa ajudar. E quero fazer um apelo também ao César e aos novos deputados: para que a gente consiga, com o apoio do governo do Estado, através da Bahiatursa, levar de volta Rose, Gereba, Pingo, Fábio Paes e tantos outros artistas que cantam a nossa história. E fazer um apelo também a esta Casa para que aprove que no dia 5 de outubro possa se decretar um dia importante para o Estado e

para o Brasil, transferindo o governo do Estado para Canudos, como acontece em Cachoeira.

Então, quero agradecer a vocês. Meu muito obrigado. Que Deus abençoe, que toque o coração e não deixe essa história morrer. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- O.k., meu querido amigo Geo. César Lisboa está anotando tudo aqui, viu? Pode ter certeza de que ele não deixa passar nada.

Neste momento eu queria... Olha, já estamos chegando ao final, faltam dois oradores, depois vamos encerrar com César Lisboa, mas vou intercalar aqui, nesse momento, com uma poesia do nosso querido poeta Zé Américo. E, se você me permitir, Zé Américo, eu queria dedicar essa poesia a um cara que nos ajudou muito lá, no momento em que foi prefeito de Uauá, que foi Pedro Ribeiro, que ajudou bastante naquele momento das dificuldades para organizar os nossos movimentos na época.

O Sr. José Américo:- Pois não, sou José Américo Amorim, um conselheirista, filho do Sertão. Costumo dizer que Canudos é a minha pátria, minha pátria amada e que amo demais.

Vou fazer uma breve abordagem a respeito do que aconteceu com o nosso povo, com os nossos antepassados, aqueles homens, mulheres e crianças que foram ali, naquele solo sagrado, esmagados pela Sr.^a República e que ali o sangue dos inocentes jorrou e que até hoje brilha nas noites de luar, reflete sobre a pedra, acariciando os nossos corações e abrindo a mente para que a luta continue. Certo, gente?

Ô, meu amigo deputado Rosemberg, não vou fazer um poema sobre o Antônio Conselheiro porque já foram ditas aqui algumas coisas, mas vou fazer em homenagem a Pedro, uma poesia chamada *Meu Sertão*.

(Apresentação do poema.)

Obrigado. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Obrigado, Zé.

Estou lembrando algumas figuras que ajudaram musicalmente nesse movimento, Zé Costa, Tato Lemos, Jorge Papapá, Dinho Oliveira, Wilson Aragão, Pingo de Fortaleza, uma turma boa que cantava lá no final das tardes nas margens do Cororobó.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Neste momento, queria passar a palavra ao nosso querido e amigo Padre Enoque. (Palmas)

O Sr. PADRE ENOQUE:- Boa tarde, pela primeira vez eu escrevi um texto para falar através do papel, mas como estou vendo aqui que o horário está avançado eu não vou falar o texto, deixei-o ali. Aproveitei esse dia para fazer um registro ao Sr. Deputado Rosemberg. O Rosemberg, desde que eu trabalhava em Salvador, na periferia, nas invasões de Salvador, de Lobato a Paripe, quando ele atuava como

sindicalista, passou a ajudar o nosso trabalho. Em 81, eu ia para São Paulo, mas me chamaram para ir para Monte Santo, Diocese de Senhor do Bonfim, e Rosemberg passou a acompanhar esse trabalho do início do resgate de Canudos e, sucessivamente, a ajudar ainda como sindicalista militante em Salvador.

Depois, veio a primeira missa de Canudos em 84, em julho, e finalmente ajudou também a minha pesquisa acadêmica – eu tinha a pesquisa oral – e, felizmente, tomou para si a iniciativa dessa sessão especial.

Portanto Rosemberg poderia se caracterizar, como parlamentar, por ter uma profunda identidade com esse trabalho com qual eu tive com Vanda – que está aqui, de Monte Santo – de dirigir esse processo do resgate de Canudos. Hoje, eu precisava fazer isso para você porque nunca tive possibilidade de fazer.

Para vocês estudantes dos colégios e vocês outros, toda a minha pesquisa é do século XIX, 1870 a 1890, que corresponde a uns 30 anos do Antônio Conselheiro. E hoje, estando aqui nesta Assembleia, eu me reporto à antiga Assembleia da Bahia nos anos de 1894, quando ela – que ficava ali na Praça da Piedade - discutiu a questão Canudos o ano inteiro.

Alguém falou aqui numa outra sessão que foi um debate. Não foi debate, é só pesquisar os anais políticos e na imprensa da Bahia, que era muito extensa: está lá que no ano inteiro de 1894 o debate fundamental da Assembleia da Bahia foi a questão Antônio Conselheiro e Canudos e o seu trabalho, nos três rios, a comunidade que ele criou, nos rios São Francisco, Itapicuru e Vaza-Barris.

Portanto, estando aqui e olhando esse quadro, na minha chegada, eu me reporto à Assembleia da Bahia naquele ano. E foi um grande debate que aconteceu o ano inteiro de 1894. Por questão de tempo, me reporto só àquele ano. E qual era a grande discussão? Qual era o enfoque que está ali presente? O grupo liderado pelo Barão de Jeremoabo, senhor de terras e também de escravos na monarquia, com o ex-governador José Gonçalves, propugnava a destruição do povo do Belo Monte. E queria que o governador do Estado, Luís Viana, espingardeasse, que era uma expressão muito usada no século XIX, o povo do Antônio Conselheiro.

O grupo ligado a Luiz Viana defendia o contrário e achava que não devia tratar, de forma brutal, aquela população, isto é, teria que manter o povo do Belo Monte ali onde ele estava no lugar que ele construiu.

Portanto, ao estar aqui ouvindo a grande preleção de Manoel com todo o seu sabor poético e histórico e tantas e tantas outras referências, é como se estivesse lá em 1894 ouvindo aquelas grandes discussões.

E o que estava por traz daquelas discussões? O que estava por traz daquelas discussões era a grande preocupação, no País inteiro, na primeira década republicana, de o Brasil e a Bahia procurarem um caminho para encontrar a sua normalidade política e o seu desenvolvimento econômico.

E Canudos, dentro, inclusive, da minha pesquisa, fecha um ciclo. A Guerra do Paraguai fechou o ciclo das guerras no Prata. E a própria Guerra do Paraguai de 1865 a 70 abre um ciclo de guerras no Brasil com: a Revolução Federalista de 1893 a

1895; a Revolta da Armada no Rio e Canudos. Esse é o eixo do meu trabalho e da minha pesquisa.

Portanto, fico muito contente em estar aqui, com o espírito lá na Assembleia da Bahia, pois esta não compreendeu, de modo geral, aquela experiência dos Três Rios de Antônio Conselheiro e dos camponeses. Mas, naquele momento de 1884, havia esse confronto: um lado, por razões várias, não queria que fosse espingardeada aquela população.

Por causa do tempo, eu vou terminar a minha palavra com uma música. Não sou cantor. Eu componho muito. Fabi e tantos outros que digam. A gente fez uma peça de teatro, um texto para teatro juntando a Irmã Dulce e Antônio Conselheiro. Quando eu era padre jovem, trabalhei ao lado da Irmã Dulce. E quanto a essa peça, como seria bom que ela fosse preparada e apresentada por uma equipe de trabalho de teatro técnico da Bahia, porque é uma peça muitíssimo importante envolvendo Gandhi, envolvendo Irmã Dulce. Enfim, é uma temática muito forte dos negros e tudo o mais.

Vou cantar a música da Irmã Dulce, pois nós estamos fazendo todo um trabalho de divulgação dessa música que pertence à peça “Antônio Conselheiro e Canudos”.

(Apresentação musical.)

A todos vocês e ao deputado Rosemberg, muito progresso. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Obrigado, Enoque.

Quero agradecer as palavras dirigidas a mim. Fiz mais que a obrigação com a história de Canudos.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Convido o penúltimo orador, o meu querido amigo e professor Luiz Paulo Neiva (palmas), que representa a Universidade do Estado da Bahia e, também, o nosso querido Reitor Bites. Logo depois, vamos ouvir o nosso querido amigo César Lisboa.

O Sr. LUIZ PAULO NEIVA:- Boa tarde a todas e a todos.

Quero saudar a Mesa na figura dos deputados Rosemberg e Fátima Nunes.

Gostaria de dizer da alegria de estar aqui neste dia com todos vocês. O reitor da universidade pede desculpas pela sua ausência, pois está saindo um último processo aí de uma luta enorme de trabalho, enfim, está viajando e está com alguns problemas de saúde, inclusive.

Eu já estou falando quase no último lugar. Então, eu tenho a sorte de dizer que já não vou falar mais sobre tanta coisa que já foi dito, porque seria repetitivo. Aliás, acho que era Mangabeira quem dizia que baiano não pode ver microfone, não tem o que falar e acaba falando.

O que eu vou falar aqui é muito mais de agradecimento. Gostaria de fazer um agradecimento a todos, sobretudo, à comissão dos 120 anos de Canudos, que eu tive a honra e a alegria de presidir. Gostaria, também, de dizer que este é o 13º evento neste ano. Parece o inconsciente marcado: o 13º é o número 13, ou seja, o mesmo número

dos deputados Rosemberg e Fátima. Nós, ainda, vamos ter um evento, no dia 15, em Feira e em Canudos também da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Mas, assim, gostaria de agradecer a todas as entidades que participaram dessa comissão e queria nominá-las: o IPMC, a Portfólio, a Universidade Católica, a Universidade Federal da Bahia, a UEFS, a Prefeitura de Canudos, a Academia de Letras, o IGHB, a ABI. Ao todo, são cerca de dez entidades. Pudemos, nesse período, realizar cerca de 13 eventos. Ainda temos mais um evento ao final do mês de dezembro.

Eu estou lançando o livro *Canudos, uma Nova Batalha*. Este livro fala um pouco de duas grandes batalhas que, ao nosso ver, continuam permanentes de Canudos. Uma é a batalha da preservação da memória e da história da Guerra de Canudos que foi muito bem colocada por todos, sobretudo pelo colega Manoel, um dos maiores acontecimentos da história do Brasil no final do séc. IX, no Sertão de Canudos. Deputado Rosemberg, quanto a outra batalha, a deputada Fátima conhece muito bem por estar ali bem próxima de nós. Trata-se da batalha contra a pobreza e a desigualdade.

Apesar do crescimento, acho que Manoel falou aqui que, na última década, o Nordeste brasileiro cresceu mais do que a média nacional graças aos programas dos governos dos presidentes Lula e Dilma.

Mas, ainda, temos um *deficit* enorme, um *deficit* relativo. Nós temos ainda, no caso de Canudos, um dos piores IDHs do país. Dos cinco mil quinhentos e poucos municípios do Brasil, Canudos é o 5.002. Apesar de tudo isso que a gente está colocando aqui, apesar dos esforços dos prefeitos, da administração do prefeito Geo, da deputada Fátima Nunes, enfim, temos, ainda, um *deficit* enorme a alcançar para superar este patamar de desigualdade.

Acho que esta sessão nos dá exatamente a dimensão do que é preciso, ou seja, que a gente possa se unir um pouco mais em torno dessas grandes questões, apesar das nossas diferenças, das nossas divergências e tudo o mais. Mas deve-se saber que temos um compromisso enorme no sentido de resgatar e de sermos, diria até, fieis ao pensamento de Antônio Conselheiro há 120 anos.

Então a minha palavra aqui é no sentido de agradecer a todos que participaram dessa caminhada desde o dia 6 de junho até agora. Eu tive a honra de estar à frente dessa comissão com todos vocês.

Quero agradecer, mais uma vez, ao deputado Rosemberg e à deputada Fátima por esta acolhida. Também, gostaria de dizer que, realmente, encontramos uma Casa onde é possível colocar para fora tudo aquilo que a gente pensa lá em Canudos.

Para finalizar, parabenizo, mais uma vez, o deputado Rosemberg por ter acolhido uma manifestação que surgiu na comissão de uma indicação que ele acabou apresentando à Casa, foi aprovada e encaminhada ao governador de nominar a estação do metrô no aeroporto de Antônio Conselheiro.

Há uma outra questão que, também, está sendo colocada pelo deputado Rosemberg, pela deputada Fátima e por Geo, o prefeito. A intenção é a aprovação de

um projeto de lei para instituir a transferência do governo do estado da Bahia no dia 5 de outubro de cada ano para Canudos. Isso, também, já se faz em Cachoeira.

É muito importante que o governo se instale com seus secretários e tudo o mais, a fim de que as pessoas estejam próximas. Canudos é importante não somente do ponto de vista da história, mas, também, pela sua representação no semiárido baiano, representação geográfica e tudo mais.

Então, muito obrigado a todos e a todas por esta convivência neste período todo da comissão.

Mais uma vez, agradeço ao deputado Rosemberg e à deputada Fátima. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Obrigado, Luiz Paulo Neiva. Leve o nosso abraço ao nosso reitor Bites.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Por último, quero passar a palavra ao nosso querido amigo César Lisboa que, aqui, representa o governador Rui Costa.

O Sr. CÉSAR LISBOA:- Boa tarde a todos e a todas!

Como foi dito há pouco, o bom de falar por último é que a gente já não precisa mais entrar em tantos detalhes sobre tantos e tantos assuntos.

Primeiro, queria falar que, para mim, é uma honra bastante grande estar aqui em nome do governo da Bahia numa sessão especial em comemoração aos 120 anos da Guerra de Canudos. Esta é uma sessão especial convocada pelo deputado Rosemberg e pela deputada Fátima Nunes. Isso corresponde a um processo histórico bastante profundo da Bahia.

Para as pessoas jovens, sobretudo as que estão aqui dos colégios, a partir desta data de hoje, vocês terão, cada vez mais presente na vida de vocês, o que significou a experiência ocorrida em Canudos em torno de Antônio Conselheiro.

Vocês verão que isso é algo de suma importância para a história do Brasil do ponto de vista do tamanho do tema e, também, do ponto de vista do que aquilo acabou fazendo com que o próprio país pudesse pensar em si mesmo para poder ter uma história, vamos chamar assim, que pudesse levar em consideração, por alguma forma, a população brasileira.

Para podermos afirmar à população brasileira acerca da nossa história, esta luta, ainda, está nos primórdios, no começo. Nós, ainda, temos de fazer muito para que a gente tenha a presença forte do povo brasileiro como fundamento da nossa história. Porque, até então, a nossa história foi uma história muito das elites, uma história das exclusões sociais.

E quem tem contraposto a isso, quem tem ajudado para que o povo possa participar na história, como estou falando aqui, são os movimentos sociais. Canudos é uma representação disso. O Brasil tem muitos exemplos parecidos. Listeï alguns: Cabanos, Quebra-Quilos, Contestado, Pau de Colher, etc. Há uma série de episódios que ajudaram, digamos assim, a firmar o povo na história do nosso país.

Obviamente, de todas elas, a mais importante é realmente a história de Canudos.

Eu queria só lembrar algo que tem a ver com o peso daquilo que se chama “o pensamento tradicional na sociedade brasileira”, sobretudo das populações rurais que têm um pensamento religioso, um pensamento mágico, um pensamento que eu estou chamando, aqui, de “pensamento tradicional”. É um pensamento que em muitos momentos foi contraposto exatamente pelas nossas elites, que são reacionárias e, em nome de um certo progresso, foram para cima das populações, e, vamos dizer assim, acabaram contestando aquilo que tirava a dignidade daquele povo.

O povo, exatamente, conseguiu reagir, resistir, conseguiu enfrentar, lutar a partir daquele pensamento que ele já tinha construído socialmente, culturalmente, que é uma matriz extremamente rica e poderosa da nossa cultura brasileira que acaba aparecendo na música, que acaba aparecendo na poesia. Aqui, hoje, nós vimos exemplos de música e de poesia que vêm dessa origem, que vêm dessa matriz tão importante da cultura popular brasileira. Esse pensamento acabou servindo como uma fonte muito forte de resistência, de contraposição àquilo que vem para destruir a população, que vem para destruir o povo brasileiro, a população brasileira.

Nas práticas de Antônio Conselheiro – eu li o livro das práticas de Antônio Conselheiro –, está lá muito presente, há uma espécie de moralidade da cultura popular. As práticas eram... Antônio Conselheiro, como era religioso – só para os mais jovens aqui –, escreveu umas, vamos chamar assim... eram exatamente as práticas... quando ele ia fazer uma fala durante os cultos religiosos dele, naquele momento, ele escrevia sobre os *Dez Mandamentos*. Ao pensar sobre isso, refletir sobre os *Dez Mandamentos*, para cada mandamento ele foi mostrando um princípio de justiça social. Quando pega o mandamento “não matarás”, qualquer um dos dez mandamentos, ele está trabalhando naturalmente com o princípio da justiça social. Esse princípio da justiça social talvez seja aquilo de mais profundo que a gente possa recuperar hoje para as lutas sociais do nosso tempo.

Nós estamos vivendo um período bastante difícil na sociedade brasileira, na política no Brasil, com o que aconteceu recentemente, com o golpe que levou a tirar do poder a presidente que foi eleita pela nossa população, portanto, tinha legitimidade de estar como presidente, mas foi tirada por um golpe que, de alguma forma, acabou tirando também direitos dos trabalhadores, tirando direitos do povo brasileiro, exatamente neste momento em que acontece essa tentativa de restringir cada vez mais a dignidade e os direitos da população.

Temos que tomar como base, como fonte de inspiração aquilo que estava em Antônio Conselheiro, que era exatamente o resgate desse princípio da justiça social que, cada vez mais, a gente precisa implantar neste país. E cada vez mais, ao implantar a justiça social, nós estaremos fazendo uma afirmação do povo brasileiro como participante da vida social e da vida política do nosso país.

Eu aqui, como falou o deputado Rosemberg Pinto, também estava fazendo algumas anotações, vejo que tem uma série de preocupações, desde o prefeito Genário aos próprios movimentos culturais da região, sobre como fortalecer a

lembrança de Antônio Conselheiro e, sobretudo, de todas aquelas pessoas e heróis que morreram lá naquele confronto.

Para isso, é preciso também que os próprios órgãos públicos, seja lá nos municípios, como no próprio município de Canudos, seja no estado da Bahia, possam estar em alerta para que esse tema esteja sempre vivo na memória da nossa gente, dada a importância que isso tem para a nossa própria história.

Aqui, então, eu vi que surgiram algumas propostas, e a gente poderia ver como trabalhá-las juntos. Uma delas, que me pareceu bastante interessante, era a que se propôs a tentar trazer de volta a Pedra do Bendegó. (Palmas) As pessoas jovens que estão aqui devem estar falando: “Que pedra de Bendegó é essa?” Lá naquela região caiu, uma vez, um meteorito bastante grande, talvez o maior que tenha caído no Brasil. Essa pedra foi tirada daquela região e levada para o Rio de Janeiro, onde está exposta, no entanto, longe do seu próprio local de origem, onde tem um significado desde aquela época para a cultura do povo da região.

Então é uma boa ideia a gente pensar sobre isso, tentar trazer de volta para o seu lugar de origem aquilo que tem uma representação bastante forte para a cultura e para o simbolismo daquela região. Aqui também se falou, em algum momento, da Semana de Expressão dos Movimentos Sociais. Nós talvez pudéssemos ajudar a construir algo assim, óbvio, com a ajuda dos nossos parlamentares para que possamos construir a ideia deste evento.

Temos que pensar um pouco mais em professores como Sérgio Guerra, pesquisadores como Leoni Fontes, outras pessoas que nos ajudaram também a pensar algumas formas de resgate ou de divulgação um pouco maior da importância da história de Canudos, onde veremos alguma forma de trabalhar também com isso.

Aqui tem outra ideia que precisaria ser melhor pensada, em relação ao 5 de outubro, a data do término da guerra, da destruição de Canudos. Poderíamos pensá-la como uma data que pudesse ter uma valorização maior dentro da história da Bahia. Creio que talvez isso pudesse ser trabalhado também do ponto de vista de alguns projetos de lei, tanto aqui, no caso, projetos estaduais, como algum projeto federal. Hoje o governo da Bahia transfere o seu governo para Cachoeira, e tem a ver, inclusive, com uma legislação nacional. Então precisaríamos pensar alguma coisa a respeito disso para saber como tratar esse tema.

Eu acho que, mais do que pensar em termos de transferência da capital para Canudos no dia 5 de outubro, devíamos pensar como valorizar mais essa data, essa ocasião. E tem algo que o próprio deputado Rosemberg já encaminhou ao governador da Bahia, que é a proposta de se colocar o nome de Antônio Conselheiro em uma estação do metrô. Vejo que essa ideia está no coração de todo mundo que está aqui participando desse evento.

Saindo daqui, inclusive, quando eu voltar, passarei lá, porque tenho um encontro para participar na Governadoria. Vou marcar porque tenho, na terça-feira, uma reunião com o governador, vou levar a proposta a ele falando: “Olha, parece que tem algo bastante importante sobre isso”, que já está sendo feito inclusive. E aqui nós estamos com Bujão, que é da luta, do movimento negro da Bahia... Lá em outras

estações do metrô... Sobre os heróis das lutas da Bahia, sobretudo, da Revolução dos Búzios ou Revolução dos Alfaiates.

Também agora – é recente –, a gente está com uma atividade bastante bonita, que é, vamos chamar assim, com artistas populares, o pessoal que trabalha com grafite. Na Estação da Lapa, em todas as colunas da Estação da Lapa, estão sendo trabalhados grafites bem bonitos, bem pesquisados pelos grafiteiros, com temas e personagens da história da população negra da Bahia, dos heróis negros da nossa Bahia. Esses heróis estão sendo registrados lá nesses murais, e a gente poderia também, em algum momento, pensar como construir, junto com esse projeto que a gente está fazendo, algumas histórias, pensar se era possível em algum lugar público fazer também algo como a história de Canudos, tentar, em termos de visualidade, de grafite, pensarmos numa representação da história de Canudos, que seria bastante bem-vinda para todos nós.

Bom, vamos estar sempre alertas, todos nós precisamos estar, não só governos, mas todos vocês estudantes, todo mundo da sociedade que está aqui, para que um tema como esse, um tema histórico e tão importante como esse, como a história de Canudos, esteja sempre nas nossas mentes, seja sempre lembrado nas nossas vidas.

E a gente ainda tem uma coisa que hoje, pelo menos, não se falou, que é um dos mais importantes monumentos da literatura brasileira, que é o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, que descreve essa história. Esse livro corresponde a uma das maiores belezas, algo de nível superior, digamos assim, daquilo que se produziu de literatura no Brasil. Então eu só queria que esses jovens também um dia pudessem pensar, pegar esses livros e dar uma olhada, porque encontrarão aquilo que de melhor se produziu na literatura brasileira.

Muito obrigado.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):-Agradeço ao meu querido César Lisboa, inclusive, o compromisso de levar ao governador o extrato deste tema aqui.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Nós temos que encerrar este momento aqui com muita alegria, quero agradecer à juventude das escolas que veio participar do evento, os estudantes estão saindo rapidamente por conta do horário do ônibus, porque eles têm horário para sair.

Eu queria pedir a BGG que fizesse aqui uma... eu conheço uma poesia sobre a Pedra de Bendegó, uma poesia para que possamos fortalecer entre nós o que é a Pedra de Bendegó. Depois, pedir a Gereba, Rose e a Fábio Paes para encerrarmos com uma música e com muita alegria.

O Sr. BGG:- A Pedra do Bendegó.

A estrala do Oriente.

Saltando raios de luz.

Conduzido os três Reis Magos à presença de Jesus

Que nasceu na manjedoura e morreu preso na cruz

A Pedra do Bendegó
Foi o aviso primeiro
Da chegada triunfal do profeta
Bom Jesus meu Conselheiro
A pedra caiu na fazenda de Joaquim Mota Botelho
Só o bode e o índio puderam testemunha
A queda do meteorito chamado Pedra Quitá
No riacho Bendegó município de Uauá
Afluente do Vaza Barris
Já contava minha avó
Que a pedra Rei do Céu
Para o Riacho Bendegó
Que quando a pedra caiu
O sertão cobriu-se em pó
Por muito e muito tempo
A pedra foi estudada
A pedra de ferro e níquel
Não tem ouro e nem prata
Dizem que a pedra gemia
Que a pedra era encantada
Tentaram por sete vezes
Aquele pedra levar
Por sete vezes caiu
A pedra queria ficar
A Pedra do Bendegó
Aquele Pedra Quitá
A pedra é um talismã
Que o Bom Jesus enviou
O poder da monarquia
A isso ignorou
Depois, que levaram a pedra
O sertão esturricou
Levaram o meteorito para o Rio de Janeiro
Desrespeitando a história
E o povo do Conselheiro
Eu quero a pedra de volta
Exigem o caatingueiros
Já convoquei Conselheiro

Carlos Preste, Lampião

Recrutei todos os vaqueiros, os vaqueiros do sertão

E para nos proteger, o glorioso São João

Outra Guerra de Canudos já está em andamento

Ninguém vota em eleição

Ninguém tira documento

Se não houver decisão

Ninguém anda de jumento

Excelentíssimo presidente, faça a autorização

Pru mode a pedra voltar

Este ano pro o Sertão

Se a pedra não voltar

Tá feita a revolução

E para acabar a guerra

Para a coisa ficar melhor

Tome logo a decisão

Puxe a corda

Arroxe o nó

E devolva para o Sertão a Pedra do Bendego.

Muito obrigado. (Palmas)

BGG da Mata Virgem

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Beleza, BGG. (Palmas.)

Precisamos ter aqui também uma expressão originalmente canudense. Então, vou pedir a Bião para fazer essa apresentação.

(Apresentação musical.)

(Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Nós que agradecemos. Quero aqui fazer um agradecimento ao nosso querido escritor Oleone Fontes, que hoje é quem tem mais livros escritos sobre Canudos. Quero agradecer-lhe pela generosidade de me presentear com esse livro.

Queria saudar e agradecer a todos. Chamo Gereba, Rose e Fábio Paes para fazer uma cantoria dos velhos tempos. Venha para cá, Fábio Paes, senão eu vou me incorporar aqui e cantar no seu lugar.

O Sr. GEREBA:- Eu queria aproveitar aqui e lê, já que estamos na despedida, a carta de despedida do Conselheiro. Ela prova que, na época em que a mídia massacrou Conselheiro, dizendo que ele era um maluco, que era um fanático, ele provou o contrário.

Nesta carta de despedida ele diz o seguinte: (Lê) “*É chegado o momento para me despedir de vós, que pena que sentimento tão vivo ocasiona essa despedida em*

minha alma, a vista do modo benévolo, generoso e carinhoso com que me tendes tratado, penhorando-me assim bastante.

São estes os testemunhos que me fazem compreender quanto domina em vossos corações tão belo sentimento, adeus povo, adeus árvores, adeus campos, aceitai minha despedida que bem demonstra as gratas recordações que levo de vós, que jamais se apagarão da lembrança deste peregrino.

Antonio Conselheiro, 1897”

Tem outra coisa que eu queria mostrar rapidinho, um poema que o Conselheiro fez para a namorada dele, Joana Imaginária. Eu tive o prazer de musicá-la e ela entrou em *Os Sertões*, de Zé Celso, que andou o mundo inteiro, e diz assim:

(Cantoria.)

(Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Convido todos os componentes da Mesa para descermos, a fim de fazermos uma foto com todo mundo aqui em baixo.

Agradeço as presenças de todos vocês e às pessoas dos mandatos de Fátima e do meu que organizaram este evento. Agradeço as presenças de todos os convidados que aqui estiveram. Enfim, agradeço a todos.

Um abraço. Boa noite.

Estão me informando que, ali do lado, tem uma parada para o café, certo?, do lado aqui. Digo isso porque esse negócio de *coffee break* no Sertão é complicado!

Declaro encerrada a presente sessão especial.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.